

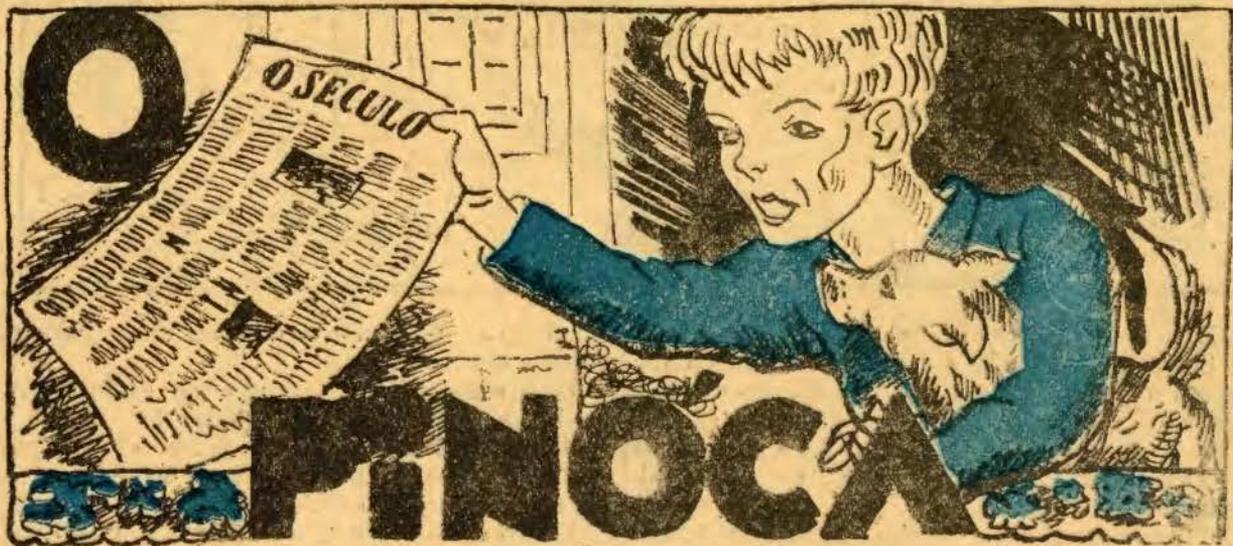


DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



POR JULIÃO SELVAGEM  
DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑE

**E**

LE era um pobre cão vadio e vagueava num bairro pobre, escondido e lóbrego.

Fôra parar ali porque o cão vadio, sem eira nem abrigo, julgara, talvez, que os habitantes daquele bairro, sendo tão pobres, e míseros como êle, compreenderiam quanto êle seria infeliz, por saberem como é triste ser-se pobre, ser-se só e ser-se corrido pela sorte que, quási sempre, tão mal se divide.

Dormia nos portais frios, mal o abrigando da chuva implacável e do frio cortante que o seu pêlo, maltratado e sujo, deixava passar, e, mal a manhã se levantava, percorria as ruelas em busca do sustento, metendo o focinho nos caixotes do lixo, mexendo-os com as patas, na ânsia de encontrar restos de comida apodrecida pelo tempo, uma côdea de pão bulorenta ou um simples ôsso com que enganar a fome que o apertava.

Mas o bairro era pobre e os pobres têm tão pouco para deitar fóra...

E o cão vadio, magrizona e esfomeado, voltava a aninhar-se em qualquer parte, procurando distrair o estômago, que não tinha mais do que água havia alguns dias.





E lá ficava a olhar o espaço.

E quem sabe o que ele pensaria? Tinha tanta tristeza o seu olhar, tanta melancolia, que dir-se-ia existir uma alma, um raciocínio dentro daquele corpo que, na sua desventura, parecia implorar misericórdia daqueles que tinham, realmente, almas cristãs.

O triste magrizela, porém, tornara-se notado no sítio e, como era um cão sem dono, um cão que apenas procurava manter a vida com os desperdícios das criaturas humanas, aborrecia aquela gente e o rapazio apedrejava-o, corria-o a pontapés, desalojando o pobre animal de onde quer que se escondesse.

Batiam-lhe, a ele, o cão vadio, que podia fazer fugir a garotada, se quisesse mostrar a dentuça esfaimada!

Mas, longe de lhes fazer mal, latia baixinho quando o atingiam, tão baixinho que parecia ter vergonha de gemer, como se um cão, que não tem dono, não tivesse direito a queixar-se dos pontapés do mundo.

E lá ia arrastando a sua triste existência, sempre com o receio de que lhe batessem. Nem, sequer, nas noites em que o tempo lho permitia, podia dormir em sossêgo, tal o hábito de ser maltratado.

Uma manhã nebulosa, em que caía aquela chuva miudinha, persistente e irritante, que parece não parar mais, o pobre ouviu falar ali perto e logo abriu os olhitos, arrebitou as orelhas e pôs-se de atalaia para fugir, como de costume, se tentassem bater-lhe.

Quem quer que era, porém, em vez de o desalojar dali com o desprezo e a maldade a que ele estava habituado, parou junto de si, sem lhe fazer

mal. Uma pequena mão passava carinhosamente no seu pêlo encharcado.

Uma carícia! Uma carícia a um corpo acostumado já a receber só os maus tratos!

Uma carícia, quando o pobre cão — quem sabe?! — esperava, talvez, morrer de fome e de frio naquela manhã nebulosa e húmida!

Uma carícia... e o triste magrizela, desprezado até então, parecia agradecer com o seu olhar melancólico aquela prova de carinho que, para ele, era um mundo enorme, povoado de uma humanidade condóida da sua triste sorte.

Era um rapazote — 14 anos, não mais — que tinha parado junto do cão faminto.

— Que é isso, meu velho? Tu tremes com frio? Também eu. Não tens ninguém?... Olha, meu velho, também não tenho família... Somos gêmeos na sorte que nos tocou. Mas eu ainda tenho casa e de comer... Vem cá, meu pobrezinho, vem comigo e terás, pelo menos, onde te abrigar da chuva.

E pegou no animal e meteu-o na sacola dos jornais, pois cabia ali bem, tão pequeno ele era.

E lá foi, apregoando os jornais da manhã, acordando, com o seu pregão estridente, os que ainda se mantinham na cama, lembrando-lhes que o dia nascera e que se aproximava a hora de principiar o trabalho de todos os dias.

A tarde, depois da venda, o garoto dos jornais levava na sua sacola o pequeno cão, talvez mais alegre, por adivinhar um tecto sob o qual se abrigasse.

O rapaz caminhava e cantarolava, contente, por

levar consigo um animal que, como êle, em tempos, sofrera o negrume da fome e o horror dos maus tratos.

Ao aproximar-se de casa, foi sorrateiramente até á porta, abriu-a e entrou para o aposento que era o seu quarto.

Depois chamou:

— Avó! O' avó!

— Vamos, Manuel, vamos comer. Hoje não vieste dar-me um beijo, porquê?

— E' porque eu... eu... tenho medo que você-mecê se zangue comigo, por causa duma coisa que eu fiz...

— Que foi?

— Foi... foi... Ollie, quere ver?...

E levou atrás de si a vèlhota, a quem chamava avó mas que não era mais do que uma bondosa vèlhinha que o recolhera por dó. Mostrou-lhe a sacola que estava a um tanto, aproximou-se com cautela e tirou de lá o animal que recolhera.

— O' rapaz, tu endoideceste? Trazes um cão para casa, sabendo que não temos quâsi com que arranjar de comer para nós?

— Isso que tem, avózinha? Também quando você-mecê me recolheu devia estar em iguais circunstâncias e tudo se arranjou...

— Mas tu eras um ser humano, a quem se



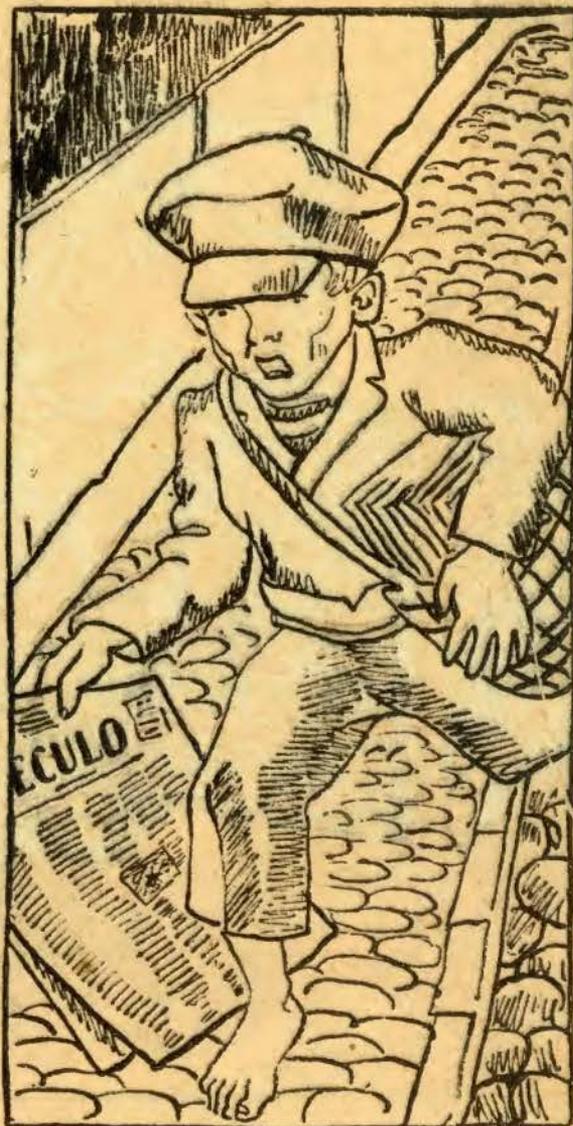
tem a obrigação de não deixar morrer de fome... e demais eras pequeno, não tinhas tino para poder viver..

— Também êle é pequenino, e, lá porque nasceu cão, também tem direito á vida, por isso que nasceu para viver.

A pobre vèlhota não retorquiou, mas comoveu-se ante aquela lógica do pequeno e afastou-se, limpando os olhos á ponta do avental.

Chorava, comovida, com a beleza de coração que o garoto revelava e vendo que êle se lembrava que também tinha sido um sem-sorte.

Por isso se condoera do pobre cão, que teria



morrido de fome se êle o não protegesse, como a vèlhota lhe fizera noutro tempo.

E Manuel, contente com a àquiescência da avó, foi buscar a sua tigela de sôpa, sentou-se no chão, junto do animal, e repartiu com êste o seu quinhão, deitando-lhe metade numa lata.

Depois, enquanto o cão comia com pressa o conteúdo da lata, Manuel pensou num nome para lhe dar. Achou-o e pôs-lhe o nome de Pinoca.

Pinoca!... Até então não tinha sido mais que um miseró cão vadio, esfomeado e friorento, e punha-lhe o nome de Pinoca... Achava, talvez, que isso fôsse um bom pronúncio para o futuro.

Talvez que, depois de tratado, quando andasse limpo e principiasse a engordar, tivesse a aparência de um cão pinoca.

Enquanto Manuel fazia, em pensamento, estas considerações, Pinoca devorou a sua parte no jantar e pôs-se a olhar o dono, talvez reconhecido e pretendendo agradecer-lhe os benefícios que recebera, talvez olhando-o a interrogá-lo se tudo estava acabado e se não iriam, agora, atirá-lo, novamente, á rua, tornando maior a sua miséria, após ter expe-



drava, saltava-lhe às mãos e lambia-lhes. Depois, Manuel afagava-o, acariciava-o, e o Pinoca encostava a sua cabeça ao corpo do pequeno e assim ficava, de olhos cerrados, a gozar a sua felicidade tão grande de se saber querido e ter no dono um amigo como até então não conhecera.

Como os cães sabem queref áqueles que lhes querem!...

\*

Um dia, Manuel adoecera.

Em casa, não abundavam os recursos para atacar a doença e, no quartito do enfermo, apenas se ouviam as lamentações da boa velhota, os gemidos do doente e os latidos do Pinoca.

Havia muitos dias que se não ouvia o pregão estridente do rapazito, acordando os que dormiam ainda e lembrando-lhes que o dia nascera e que se aproximava a hora de principiar o trabalho de todos os dias.

Manuel adoecera...

E o Pinoca partilhava da tristeza enorme que se apossara da casa.

Voltava a ter o aspecto melancólico de outro tempo, não se afastava de ao pé do dono e recusava todo o alimento que a pobre velhota lhe dava.

E os dias passavam, até que algumas vizinhas, condoidas com a sorte do garotito que estimavam, foram chamar o médico para o ver e, desde então, os remédios entraram em casa e Manuel foi melhorando. Não podia, porém, comer. Tinha muita febre e não ingeria mais que algumas cabeças de nabo e cenouras cozidas.

As semanas corriam umas após outras e Manuel ia melhorando sempre. Só o Pinoca se obstinava em recusar a sua alimentação, e continuava a ficar ali, junto do leito do rapazinho. Quanta gra-

rimentado, por momentos, a felicidade dum lar e dum sôpa quente.

Não! Tudo aquilo continuava a ser, para Pinoca, a felicidade doirada que um dia chega sempre, mesmo para os mais infelizes.

Manuel, com algumas roupas velhíssimas, arranjou-lhe a sua cama, pegou no animal, deitou-o e cobriu-o com o casaco que havia despido. Pinoca enroscou-se e, em breve, dormia.

Que sonhos deliciosos poderá sonhar um cão, depois de ter passado tanta miséria e vendo-se, agora, bem instalado e com a barriga aconchegada?

E se lhe tivessem dado o dom de se exprimir, quantas coisas não teria contado êsse pobre animal e quantos agradecimentos?!

Por isso, todas as manhãs, ao sair para a venda, Manuel tinha os bons dias de Pinoca, que, mal o garoto se preparava para tomar o café, já êle saltava, lesto, para a porta, todo contente, a agitar a cauda.

E todas as tardes lá estava êle junto da porta, esperando o seu dono. E, quando êste chegava, la-



tidão na sua atitude, sem, contudo, em nada valer à sorte de Manuel!

Quando este entrou na convalescença, Pinoca tinha um aspecto miserável — magro, muito abatido, muito melancólico, a cauda muito caída — não parecia o mesmo. Isto preocupou o garoto, que, quando, enfim, pôde, novamente, ir para a venda dos jornais, voltava a casa sempre com cuidado no animal, que já não podia comer. Havia enfermado também e só de longe em longe lambia, ao lhe leve, a comida, para logo se afastar.

Pobre Pinoca!

A sua dedicação pelo dono, a sua obstinação em ficar junto do leito, sem comer, atirara-o para aquela fraqueza, depauperando-lhe as forças, o que o tornava, agora, um farrapo do que fôra nos primeiros tempos da sua chegada ali.

E Manuel, todas as tardes, assim que chegava, ia vê-lo, enroscado no seu cantinho. Afagava-o e o pobre cão latia, como a dizer-lhe que tudo ia acabar... que tudo fôra contra aquela amizade louca, que fizera dos dois sem-família dois entes ditosos por se amarem... que o Destino, tão cruel, lhes prescrevera um afastamento tão prematuro!

E quem sabe quantos negros pensamentos povoavam aquela cabeça e amarguravam aquela existência já tão débil? Quem podia adivinhar o que sentiria o pobre Pinoca, por ver que a sua felicidade fôra tão pouco duradoura?

E, um dia, Manuel regressou a casa e viu junto da porta a avó a chorar, baixinho, como com medo de perturbar o sono eterno daquele que fôra toda a alegria do seu Manuel.

Pinoca morrera.

Manuel foi junto dele e abraçou-o, a chorar. E as lágrimas iam perder-se por entre o pêlo do cão e lá ficavam como última lembrança do carinho do seu dono tão amigo.

Chegada a noite, Manuel meteu o pobre animal

dentro de um caixote e foi enterrá-lo numas terras próximas. Escolheu o sítio mais escondido e mais afastado do caminho que costumavam levar os que por ali passavam. Abriu uma cova, depôs a caixa e cobriu-a de terra. Depois afastou-se, chorando, e voltou a casa.

No outro dia, o pregão do rapazito já não era tão estridente e já quasi não acordava os que se mantinham ainda na cama, nem lhes lembrava que o dia nascera e que se aproximava a hora de principiar o trabalho de todos os dias.

\*

Quando o inverno voltou, tempestuoso, frio, inclemente, nem por isso Manuel deixou de ir, como costumava, todos os dias, pela tardinha, ver o coval de Pinoca.

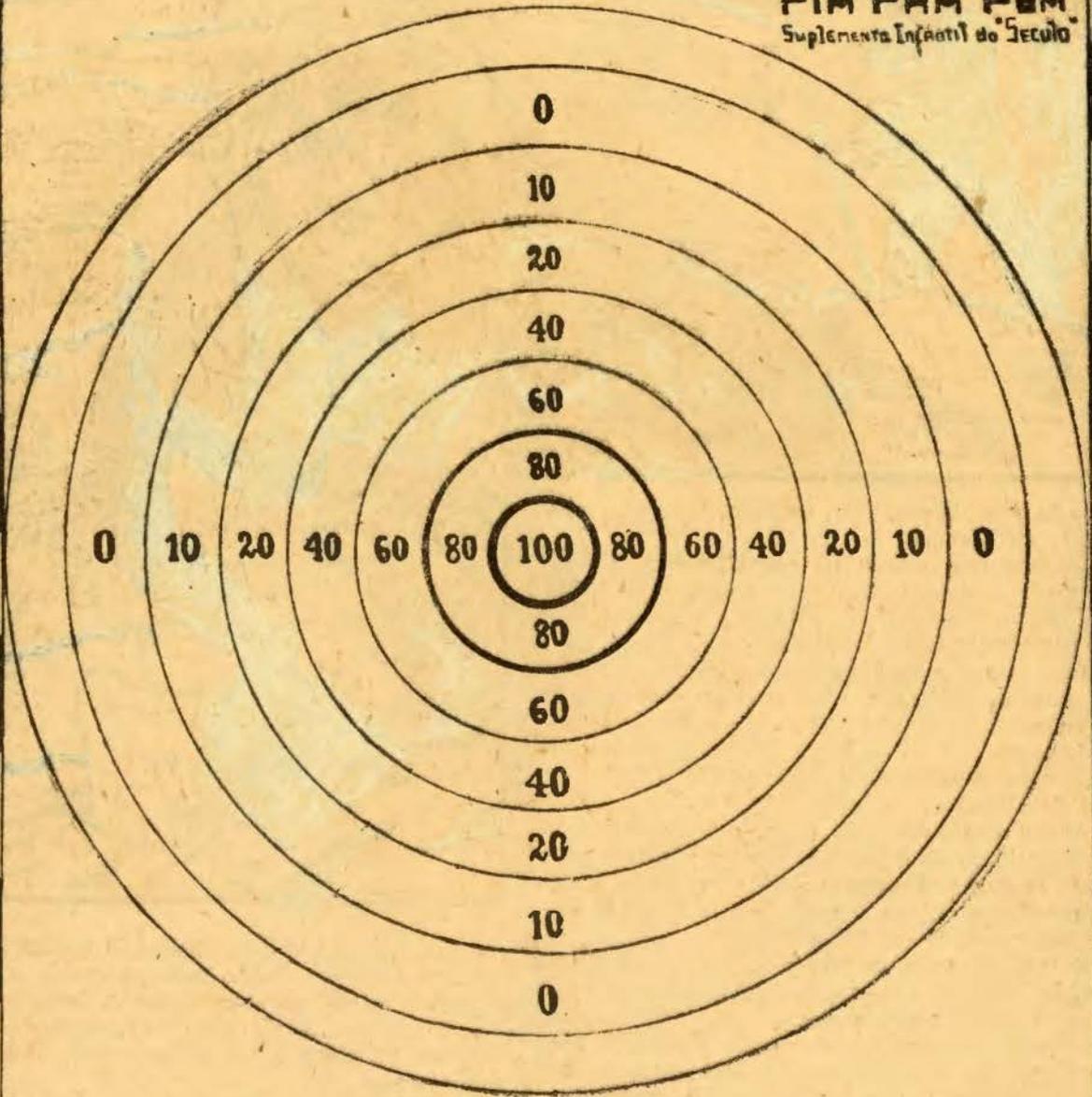
Por vezes, arranjava duas ou três flores e lá ia, tristemente, depô-las sobre a terra.

Uma tarde, caía a neve como não caíra havia muito, e Manuel viu-se obrigado a guardar melhor

(Continua na página 7)

# TIRO ALVO

**PIM PAM PUM**  
Suplemento Infantil do "Seculo"



# HORA DE RECREIO

## TIRO AO ALVO «PIM-PAM-PUM»

## PALAVRAS CRUZADAS

Solução do problema anterior

### REGRAS DO JOGO

Nada ha mais simples!

### ATENÇÃO

Na parte inferior do desenho, como vêdes, está uma pequena circunferência, na qual o jogador colocará qual-quer objecto redondo, de preferência um pequeno botão de camisa e, após isto, todos os jogadores adquirem um numero de ordem, afim de não se zangarem. Depois o n.º 1 com o dedo indicador (que é a espingarda) atira com a pequena malha (tiro) pretendendo sempre atingir o n.º 100 (centro) que é o maior número de pontos, seguindo-se o segundo jogador, depois o terceiro e assim sucessivamente.

No caso da pontaria não ter sido certa, não mereca a pena chorarem nem baterem-se; tomem nota dos pontos que obtiverem e depois de cinco minutos de jogo (ou o tempo que combinarem) somem todos os pontos e, no final, aquele que tiver mais tiros é o Campeão.

Os jogadores, se assim entenderem, podem ter parceiros.

(Afim de facilitar a pontaria, sigam a direcção indicada pela seta).

Vamos! não percam tempo.

C	A	R	T	A	F	A	V	A	L
A	C	O	R	E	B	A	I	A	
R	L	O	A	T	A	L	T		
P	A	L	U	S	O	S	R	A	
A	L	A	S	E	U	C	A	O	
B	O	A	T	R	E	A	L		
N	U	S	R	U	E	L	A	R	
U	M	T	I	R	A	R	R	E	
B	T	E	A	R	I	A	T		
I	D	E	A	A	Z	A	R		
L	A	U	R	A	U	S	A	D	O

*Antunes Palad*

Pim-Pam-Pum, o melhor suplemento infantil, dá parabens ao Grande Campeão.

Original de

Alfredo de Gouveia Conde Antunes

## O P I N O C A

(Continuação da 5.ª pag.)

oportunidade para sair e foi postar-se junto da janela, a ver a neve cair sem parar.

E pensava: Como devia estar frio o corpo de Pinoca, tão só, lá sob a terra tão fria como a neve!

E chorava, desolado, em silêncio, junto à vidraça da janela, à espera que a neve abrandasse.

E, não podendo suportar mais a idéa de ficar ali e faltar uma vez ao que se habituara a fazer havia tanto, saiu.

Foi junto do lugar onde repousava o seu querido Pinoca e esqueceu-se de que prometera à avó não se demorar.

Ali se deixou ficar, sentado numa pedra molhada e fria. Cruzou os braços sobre os joelhos e deitou a cabeça, a chorar amargamente.

Manuel andava muito cansado de tanto correr para acabar a venda cedo e ir para ali, para junto do seu fiel amigo, e por isso, naquela noite, apesar do frio que fazia, adormecera sentado na pedra húmida e gelada. A manhã colheu-o ali ainda e, com o alvorecer, a neve recomeçou a cair, muito fria, implacável, sobre o corpo do rapazito, e, quando este se quis levantar, não teve forças, sentiu-se tolhido.

Gritou, mas ninguém o ouviu, e, então, vendo que eram impotentes os seus gritos, deixou-se ficar ali, cheio de frio, de dores e de medo.

Em casa, a pobre velhota maldizia o momento

em que elle saíra e esperava que fôsse completamente dia para ir procurá-lo, nem ela sabia onde.

Entretanto, rezava para que o seu Manuel fôsse para casa sem que lhe succedesse qualquer coisa.

De manhã, bateram à porta.

Eram dois trabalhadores que traziam Manuel gritando com dores.

Tinham ouvido gemer e haviam ido buscá-lo.

A velhota, aflitissima e muito chorosa, a conselho das vizinhas, deitou o garoto na cama deste e principiou a dar-lhe líquidos muito quentes e a colocar-lhe panos molhados em água quasi a ferver sobre a testa.

Na ansia de o ver reanimado, de o chamar à vida, deixou que um pano fôsse mais quente do que os outros e o garoto soltou um grito agudo, com a dôr, e levantou-se repentinamente. Olhou em roda e viu saltar da cama o seu Pinoca, que lhe estava lambendo a cara e a lembrar-lhe que eram horas de ir para a venda...

Afinal, Manuel sonhara toda aquela tragédia e o Pinoca estava mais gordo e mais bonito do que nunca.

E de novo se ouviu pelas ruas o pregão estridente do rapazinho, acordando os que se mantinham na cama, lembrando-lhes que o dia nasceria e que se aproximava a hora de principiar o trabalho de todos os dias.

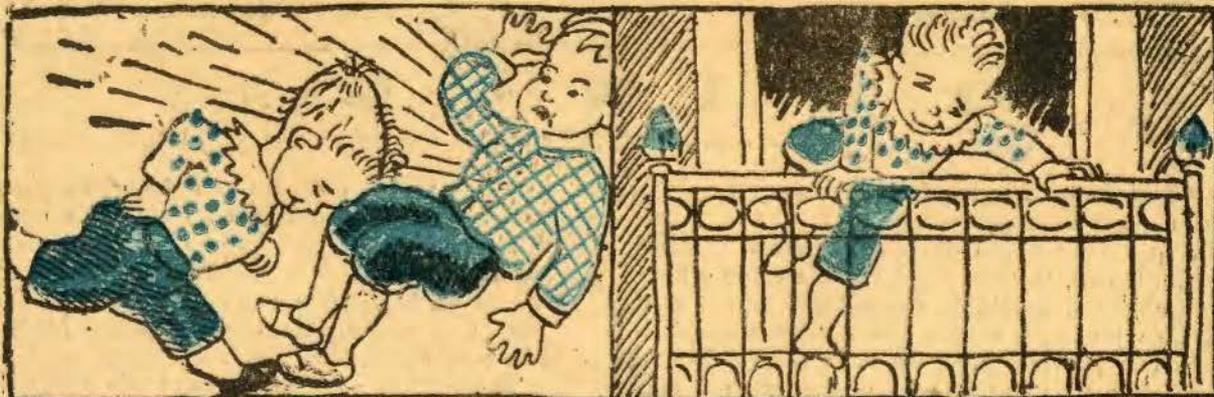
F I M

# UM GRANDE GALO



I — O menino Chico Pais,  
que é filho da viscondessa  
do Campo dos Arrozaís,  
tem uma enorme cabeça.

II — Uma cabeça que, além  
de o tornar bem pouco belo,  
e de ser grande, é, também,  
dura, á prova de martelo.



III — Se um companheiro da escola  
o invectiva, cai a fundo...  
e elimina-o com a «tola»  
em pouco mais de um segundo!

IV — Ora o nosso «Pinha-rija»  
tem a mania nefanda,  
sem que nunca se corrija,  
de debruçar-se à varanda.



V — Pelo que, há pouco, o rapaz  
apanhou rijo pinhão;  
pois debruçara-se e... zás,  
deu com a pinha no chão.

VI — O mais estranho da festa,  
foi esta coisa inesp'rada:  
em vez de um galo na testa,  
fez um galo na calçada!